

---

## O que pode uma curadoria descolonial?

*Manoel Silvestre Friques (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil) \**

*Ricardo Basbaum (Universidade Federal Fluminense, Brasil) \*\**

---

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40530>

O dossiê temático da Revista Poiésis 35 traz a público uma constelação de artistxs e autorxs que discutem, em entrevistas, textos e ensaios visuais, uma série de questões relacionadas ao exercício e à prática descolonial da arte contemporânea brasileira e global. Parte-se aqui da constatação de que, já há algumas décadas, as exposições de arte têm sido locais para o exercício do pensamento descolonial<sup>1</sup>, por meio de obras e práticas que privilegiam os processos de subjetivação, de simbolização e de representação subalternizados, bem como a performatização de histórias e culturas não-hegemônicas.

---

11

---

\* Manoel Silvestre Friques é Professor Adjunto do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (UFRJ). Atualmente realiza pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (UFF). E-mail: manoel.friques@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0106-2006>

\*\* Ricardo Basbaum é artista, curador e Professor Titular Livre do Departamento de Arte do Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, com atuação como Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes. E-mail: ricardobasbaum@gmail.com

Em um dado momento, estas práticas eram reunidas em torno de uma perspectiva curatorial euro-americana através do olhar ambivalente da figura do curador (particularmente inserido nos circuitos institucionais e econômicos privilegiados), que, por meio de um gesto condescendente às alteridades, se dispunha a inseri-las em um enquadramento hegemônico, delineado sob narrativas e fluxos históricos dominantes. Contudo, atualmente, não apenas as obras e os processos artísticos, mas, notadamente, as práticas curatoriais, estão sendo apropriadas por povos subalternizados, fazendo com que o espaço expositivo – que inclui o espaço das obras, mas não se limita a elas, envolvendo também novas institucionalidades e a produção de outros públicos e comunidades – seja um campo de experimentação de olhares, sentidos e saberes deixados à margem pela historiografia tradicional da arte. Museus indígenas, práticas *cuir* e contrassexuais, performances feministas, afro-brasileiras e ameríndias nos fazem constatar a fertilidade de perspectivas artísticas e curatoriais descolonizantes que se propõem a redistribuir as cartas do jogo histórico, reconhecendo a importância de uma intervenção também na economia do discurso. Tais práticas revelam narrativas e

posicionamentos que questionam os regimes de inteligibilidade, visibilidade e sensorialidade herdados do modernismo estadunidense e das tradições artísticas do velho continente.

O esforço deste dossiê temático não foi, portanto, o de reunir um conjunto de contribuições em uma experiência de arquivo taxonômica ou classificatória que objetificaria cada uma delas em seus grilhões identitários e guetos essencializantes. Se concordamos com Grada Kilomba (2019, p. 28) quando afirma que “a passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita [e, para nós, a produção artística contemporânea] como um ato político”, por outro lado, não compreendemos este sujeito como alguém encarcerado em identidades fixas. Em outras palavras, se este dossiê agrupa contribuições autorais de curadorxs e artistxs negrxs, indígenas, bixas, trans e mulheres, não o faz, evidentemente, para reforçar figuras exóticas e objetificadas por um olhar heteronormativo, colonial e fetichista. Pois, como a leitora poderá facilmente constatar, cada uma das contribuições põe em marcha, por distintos meios e modos, processos de desidentificação (MUÑOZ, 2016; PRECIBADO, 2011; BUTLER, 2017) que problema-

tizam as premissas puristas bem como as verdades aparentes que governam o pensamento hegemônico sobre tais identidades e as questões daí derivadas e correlatas. Sendo assim, concordamos tanto com Stuart Hall (2013, p. 382) quanto com Gayatri Spivak a respeito da necessidade, mas insuficiência, de um “essencialismo estratégico” em relação às lutas identitárias, tendo em vista o perigo – recorrente – de naturalização de diferenças historicamente construídas. As contribuições provêm de corpos falantes (PRECIADO, 2017) e de sujeitos falantes (KILOMBA, 2019, p. 74), enquanto processos de subjetivação que, se por um lado lançam mão de essencialismos estratégicos (*a bixa, a mulher, o indígena etc.*) tão somente para questionar os rótulos identitários a eles atribuídos por processos de subalternização, por outro reconhecem sua singularidade e força políticas na produção de novas formas de vida e formas de existência.

Estes movimentos de desidentificação de corpos e sujeitos falantes são inseparáveis, por sua vez, de processos de descolonização do conhecimento e do inconsciente. (ROLNIK, 2019, p. 29) Quanto a isso, referimos aqui ao título deste dossiê, qual seja,

à pergunta “o que pode uma curadoria descolonial?”. Nela, o verbo cumpre uma função decisiva, na medida em que entendemos, a partir de Foucault, que os jogos e as relações de *poder* são jogos e relações de *saber* e de produção de *subjetividade*. Quando propomos tal pergunta, estamos aqui abrindo mão do pensamento abissal responsável pelo estabelecimento de fronteiras coloniais que demarcam os territórios – respectivos a brancos e não brancos; homens e mulheres; heterossexuais e não-binários; cis e trans; normal e abjeto – rumo a uma ecologia de saberes (SANTOS, 2007), que considera a “inesgotável diversidade epistemológica do mundo” e aponta para uma “radicalização democrática não-essencialista” (MOUFFE, 2019).

Sendo assim, podemos dizer que todas as contribuições se traduzem em respostas afirmativas – é bell hooks quem lembra que “a teoria” é “um local para cura” (hooks, 2017). Uma curadoria descolonial pode, como discutem Mariah Rafaela da Silva, Emanuel de Almeida e Lorena de Paula Perasoli em “Cura-dor: sobre contágios, fissuras e práticas anticoloniais”, expor as premissas hegemônicas que governam os dispositivos universitários (Departamentos, ementas,

políticas expositivas etc.) no mesmo compasso em que propõem processos de cura das feridas e traumas coloniais. Mas uma curadoria descolonial pode recusar a cura e problematizar a assimilação mesma de descolonialidade, sugerindo uma compreensão deste ofício enquanto exercício coreográfico que mobiliza corpos, sujeitos, meios expressivos e movimentos, conforme propõe Keyna Eleison em um ensaio que replica, tão somente para produzir cortes e incisões, a pergunta que batiza este dossiê. A partir do ensaio de Keyna, tomamos conhecimento do Manifesto “O homem adora o que é doce e óbvio”, elaborado pela artista nigeriana Colette Omogbai em 1965, no qual a autora expõe a docilidade de um sistema de arte fundado na fragilidade de um realismo naturalizante perpetrado pelo homem colonial. O manifesto ganha aqui tradução de Keyna Eleison e de Aline Leal.

Uma curadoria descolonial pode expandir, problematizando os regimes de expressões e fruições artísticas, o circuito artístico vigente por meio da inauguração de um equipamento cultural em uma zona periférica da cidade, como ocorre com o Galpão Bela Maré, localizado em Nova Holanda, na Favela da Maré, no Rio de Janeiro, conforme registram Isabela Souza da

Silva e Jean Carlos de Souza dos Santos em “Galpão Bela Maré: sentidos e práticas curatoriais urgentes”. Ou ainda, definindo-se enquanto uma tomada de posição a partir de agenciamentos coletivos, uma curadoria descolonial pode mobilizar um grupo de artistas para, através de práticas insurgentes, promover abalos tanto no sistema cisheteronormativo quanto no sistema das artes, tal como registra Guilherme Altmayer em “Notas para uma curadoria transviada”. Uma curadoria descolonial pode também, a partir das fenomenologias ameríndias, pôr em movimento um processo de indigenização de currículos e espaços expositivos, tal como negrita o professor universitário e curador indígena canadense Gerald McMaster em sua entrevista ao antropólogo Idjahure Kadiwel.

Fundamentalmente, uma curadoria descolonial pode pôr em diálogo sujeitos, processos e criações comprometidos com novos regimes de inteligibilidade e de visibilidade, tais como os ensaios visuais de Ícaro Lira, Yhuri Cruz, Edgar Calel e Luanda (Patrícia Francisco). Em “Lições da Pedra” – título retirado de sua exposição em Paris em 2019-20 –, Lira reúne trabalhos que, a partir da combinação de objetos e elementos heteróclitos, performatizam, por assim dizer, os

silenciamentos e deslocamentos dos regimes históricos. Assim como faz, de modo distinto, Edgar Calel, em registros de ações e exposição que dão a ver, em “Memoria del Movimiento”, uma estética da diáspora ameríndia. Em “Eixos”, Cruz propõe um exercício gráfico-arquitetônico das páginas, reforçando os questionamentos afrodiaspóricos recorrentes em obras que consideram a história enquanto uma produção ficcional – de visibilidades e apagamentos – calcada na construção de monumentos. Por sua vez, Patrícia Francisco, em “Série Mesa de Griot”, delinea aspectos politizantes das práticas religiosas de matriz africana, desdobrando vivências advindas da experiência espiritualizada em terreiros de Umbanda – através do nome Luanda, apresenta práticas coautorais, decorrentes de suas relações com entidades afro-brasileiras.

Heterotopias, pontes, desidentificações, desterritorializações, rotas, fissuras, hibridações, indigenizações, insurgências, latinoamericanizações, transviamentos, descentralizações, agenciamentos, rituais, espiritualidade: tudo nos leva a crer, a partir da constelação de contribuições desta edição da Revista Poiésis, que uma curadoria descolonial pode, e muito – urgentemente.

## Notas

<sup>1</sup> Utilizamos o termo descolonial aqui por dois motivos. Em primeiro lugar, por achar que de-colonial se traduz em um anglicismo. De fato, a tradução em português para o termo seria descolonial. Além disso, consideramos o pensamento descolonial como aquele produzido sob a perspectiva do Sul Global, tendo em mente o silêncio ou a “obliteração da teoria pós-colonial às contribuições de intelectuais da América Latina”, conforme esclarecem Bernardino-Costa & Grosfoguel (2016, p. 16). Não se trata, por outro lado, de descartar os teóricos do pós-colonialismo, a exemplo de Stuart Hall, referido neste texto. A questão aqui diz mais respeito a compreender o risco – também compartilhado pelos estudos descoloniais – do pós-colonialismo ser menos um conceito crítico do que cúmplice de uma nova ordem capitalista global. Ou seja, o risco de uma “repetição dessa episteme colonial na pós-colonialidade”. (SPIVAK, 2019, p. 256)

15

## Referências

28 DE MAIO, Coletivo. O que é uma ação estético-política? *Revista Vazantes*, UFC, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em <http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20463>.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*. v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOUFFE, Chantal. *Por um populismo de esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics*. Londres, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição – notas para uma vida não cafetinada*, São Paulo, n-1 edições, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.

SPIVAK, Gayatri; HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Quem reivindica a alteridade? Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Citação recomendada:

FRIQUES, Manoel Silvestre; BASBAUM, Ricardo. O que pode uma curadoria descolonial? *Poiésis*, Niterói, v. 21, n. 35, p. 11-16, jan./jun. 2020. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40530>]